

José Marques*

Os Santos dos Caminhos Portugueses¹

R E S U M O

O presente estudo, elaborado a convite da Comissão Científica do VII Congresso Jacobeu, realizado em Santiago de Compostela, de 16 a 18 de Outubro de 2004, apresenta uma visão de conjunto dos principais santos taumaturgos portugueses e respectivos centros de devoção, dispersos ao longo dos caminhos mais frequentemente percorridos pelos peregrinos portugueses, quer elegessem algum destes santuários como meta exclusiva da sua peregrinação, quer, de passagem para Compostela, aproveitassem o ensejo de os visitar e suplicar a protecção dos seus titulares. Privilegiámos as notícias dos numerosos e diversificados “milagres” obtidos por devotos portugueses, mas, embora raros, registámos também alguns realizados a favor de peregrinos de além fronteiras, expressamente vindos suplicar a graça desejada. A notícia conjunta destes santos taumaturgos portugueses e dos milagres realizados nos centros onde eram venerados ajuda a compreender o capítulo, ainda mal conhecido, da devoção popular no Portugal medievo.

1 - Introdução

O conhecimento do fenómeno jacobeu, que, ao longo dos tempos, tantas e tão diversas gentes atraíu ao túmulo do Apóstolo S. Tiago, aqui em Compostela, tem experimentado e recolhido um notável aprofundamento, mercê dos congressos e outras reuniões científicas e de muitos estudos autónomos, realizados como preparação e celebração dos vários *anos santos* das últimas décadas. Para que esta afirmação não se possa considerar desprovida de conteúdo real, permitimo-nos concretizar algumas áreas em que os referidos progressos são evidentes, quer se trate do reconhecimento e definição de segmentos da rede viária jacobea, da história da difusão do culto do Apóstolo para além das fronteiras da Galiza, da Arte e estruturas de apoio outrora existentes ao longo dos caminhos de peregrinação, quer se trate da própria Geografia, Etnografia e muitos outros ramos do saber, tendo nós próprio dado também alguma colaboração, por discreta que seja, a algumas destas iniciativas ou a pretexto das mesmas.

* Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ap.).

¹ Comunicação apresentada, a convite da respectiva Comissão Científica, ao Congresso Jacobeu, realizado em Santiago de Compostela, de 16 a 18 de Setembro de 2004, a qual nos solicitou também o desenvolvimento do tema, previamente, inscrito no programa geral.

A publicar nas *Actas*, em versão castelhana.

Convidado, desta vez, a falar sobre *Os Santos dos caminhos portugueses*, não temos a sensação de alguém que ficou «à vista da terra prometida», mas, antes, a de caminhar com os peregrinos, tentando perceber e evocar o que eles iam encontrando através do Portugal medievo, e, embora ainda longe do ansiado túmulo do Apóstolo, lhes proporcionava novo alento para a caminhada e os levava a pedirem a intervenção do sobrenatural para problemas e situações individuais, procedimento que bem se harmonizava com as motivações profundas da sua peregrinação.

Pretendemos com isto dizer que, mesmo antes de atravessarem a fronteira portuguesa pela linha fluvial do Minho ou por terra firme, do norte de Portugal, facilmente podiam encontrar outros centros de peregrinação e templos levantados em honra e louvor de santos taumaturgos, que podiam bem responder aos pedidos dos fiéis e peregrinos atingidos por alguma necessidade física ou moral.

Evocar os santos dos caminhos portugueses obriga-nos a termos presente a rede viária portuguesa seguida pelos peregrinos de S. Tiago, nacionais ou estrangeiros, que por aí passavam, e o contexto histórico em que esses santos viveram e se implantou o seu culto e, ainda o volume e diversidade das graças concedidas ou de milagres por eles realizados, sem ignorarmos que o que se passava com cada um desses intercessores nada tinha a ver com os outros, mas contribuía para criar um espírito mais aberto ao espiritual, que, de muitas formas, podiam captar.

Na exposição destas situações, teremos de privilegiar os casos mais importantes, situados ao longo dos caminhos mais frequentados e, por isso, percorridos pelos peregrinos de S. Tiago ou nas suas imediações, sem esquecermos que, prioritariamente, atraíam inúmeros portugueses, havendo, mesmo, algumas notícias da presença de estrangeiros, embora não tantas como esperávamos.

Note-se, desde já, que o cenário da acção espiritual destes santos taumaturgos se foi ampliando ao ritmo do avanço da Reconquista para Sul, que, primeiro, Fernando Magno fixou definitivamente em Coimbra, no ano de 1064, depois, em 1147, D. Afonso Henriques levou até à linha do Tejo, em cuja margem direita se encontram Santarém e

Lisboa, que mais à frente prenderão a nossa atenção, para só um século mais tarde, em 1249-1250, se consumar a reconquista do Algarve.

Feitas estas considerações iniciais, adiantamos que o esquema orientador da nossa exposição inclui as seguintes alíneas:

- Os “caminhos portugueses”,
- Principais fontes de informação
- Os santos mais notáveis.

Desnecessário será dizer que o núcleo central desta exposição será constituído pelo último ponto, que responde plenamente ao tema enunciado no título em epígrafe.

2 – Os caminhos portugueses

É possível que a leitura deste subtítulo suscite nos presentes e nos eventuais leitores a vontade de lhe acrescentarem o determinativo «*de peregrinação a S. Tiago de Compostela*». Na verdade, é essa ideia que lhe está subjacente, mas a necessidade de nos cingirmos, rigorosamente, ao título que nos foi proposto exige que esclareçamos, desde já, que o objectivo é evocar, de forma sumária, o que se conhece sobre as principais vias de comunicação percorridas pela população e pelos peregrinos de S. Tiago, dentro do território nacional, e pelo número muito mais elevado dos que afluíam aos santuários portugueses, convertidos em centros de peregrinação interna, pelos “milagres” e graças concedidos por intermédio dos seus titulares. Percorreremos estes caminhos portugueses, que também podemos considerar «de S. Tiago», porque são parte integrante dessa rede viária que do extremo sul de Portugal – mais concretamente desde Lagos, Faro e Tavira – ia crescendo e ampliando e se orientava para a fronteira com a Galiza, que atravessava em diversos pontos do curso do rio Minho ou da terra firme do norte do minhoto e transmontano, sem esquecermos as ligações marítimas com os diversos portos galegos, abundantemente comprovadas, entre outra, por documentação municipal galega publicada e acessível aos interessados²

O conhecimento destes caminhos de peregrinação jacobea é, como ficou sugerido, um dos aspectos em que muito se progrediu, nas últimas décadas. A comprová-lo, bastará confrontar alguns dos mapas de âmbito europeu sobre os caminhos que conduziam a Santiago para verificar, com natural estranheza, que, em relação a Portugal, o único reino ou nação completamente rodeado pela Espanha, para verificar, dizíamos, que, apenas, estava assinalado o caminho de Coimbra a Compostela, por certo, evocando as duas peregrinações da Rainha Santa Isabel, quando há documentação relativa à presença de outros monarcas portugueses, desde os Condes Portucalenses – D. Henrique e D. Teresa – até D. Manuel I, que aí se dirigiu como peregrino, em Dezembro de 1502, sendo bem conhecidas as doações, então, feitas ao Apóstolo e à sua igreja, e sabendo-se também que, se na vinda seguiu pelo litoral, concedendo privilégios e dádivas, de que os exemplos mais característicos são a ajuda material e as orientações dadas sobre as obras da conhecida igreja Matriz de Vila do Conde³ – inegável exemplar da arquitectura manuelina –, no regresso, a partir de Valença, inflectiu para Ponte de Lima e Braga, rumando depois para o Porto⁴.

² *Livro do Concello de Pontevedra (1431-1463)*. Transcrição e estudio de Angel Rodríguez González, Pontevedra, Museo Provincial, 1989.

³ CRUZ, António – *No V centénario de D. Manuel I*, in «Revista da Faculdade de Letras. Série História», Porto, vol. I, 1970, pp. 32-68.

⁴ No regresso, D. Manuel I escreveu de Valença ao Cabido de Braga, solicitando-lhe o seu acolhimento da sua comitiva, sem que isso representasse qualquer quebra nos privilégios que, eventualmente, tivessem em relação à aposentação. Porque pode ser útil aos investigadores dos caminhos portugueses de peregrinação a Santiago de Compostela, aqui a publicamos, precedida da respectiva cota arquivística: - A. D. B., *Cartas do Cabido*, livro 1, n.º 37: - «*Dayam Chamtre Dynydades Cónegos e Cabydo nos El Rey vos emviamos muito saudar. Porque nos teemos detrymynado de hir por esa cidade e folgaryamos que o apousentamento de nossa Corte esses poucos diasque hy avemos d'estar se fizesse com todo descamsso e o mais sem fadiga que podesse vos rogamos que comvosquo e asy a clerizia dessa cidade vos praza tomardes*

Esta nota visa, essencialmente, estabelecer o contraste com o que hoje se sabe sobre os caminhos portugueses, sobretudo em relação ao Entre Douro e Minho, mercê dos estudos do malgrado e saudoso Professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida⁵, e para o conjunto do País, pelo mapa publicado, em 1986, por Humberto Baquero Moreno⁶, que reproduzimos, com a devida vénia e alguns retoques, salientando sobre o mesmo as localidades distinguidas, em vida, pela presença e acção dos santos portugueses a que nos vamos referir e / ou, após a morte, pelas suas relíquias e milagres. (*Ver mapa, no fim do texto*).

A estes estudos maiores, poderíamos acrescentar estudos mais restritos, de âmbito regional, seja quanto à revelação de segmentos viários, seja quanto ao seu reconhecimento e sinalização, bem como a descrição dos itinerários seguidos por diversos estrangeiros que passaram por Portugal a caminho de S. Tiago de Compostela ou de lá voltaram, fazendo em terra lusitana integralmente o percurso inverso ou introduzindo-lhe alguns desvios para satisfazerem alguns interesses pessoais, de natureza religiosa, social ou artística, podendo servir de exemplos os vários desvios feitos, a partir da via principal, tanto para a zona do litoral, como para o interior do Reino⁷.

Ainda neste âmbito dos caminhos, devemos ter presentes as preocupações manifestadas por muitas pessoas que nos seus testamentos destinavam algum contributo para as obras de construção ou reparação de pontes, em território português ou mesmo galego, dádivas que, em última instância, facilmente se podem assimilar a doações pias, destinadas a facilitar aos peregrinos a travessia dos caudalosos rios ou, simplesmente, pela dimensão espiritual inerente a estes actos de solidariedade cristã, cujos efeitos reparadores esperavam receber no dia do Juízo, confiados nas promessas bíblicas de que a esmola extingue os pecados tal como a água apaga o fogo e de que pela distribuição caritativa de bens próprios temporais poderemos merecer bens celestes eternos⁸. Perfeitamente articuladas com os caminhos, muitas vezes, suprimindo a falta de pontes e

allgus ospedes de vosso prazer e vomtade e em muyto prazer e serviço ho receberemos de vos. E ysto nam prejudicara a vossos prevylegios se nisto os teemdes. Scripta em Valença de Mynho a XXIII de Novembro de 1502.

(Sumário, em rodapé): *Emcomenda ao Dayam Chantre e Cabido de Braga que queyram tomar alguuns ospedes de seu prazer e vontade e que nam prejudicara a seus prevylegios se nyssos os tem(...)*.

Falta uma palavra final, por desaparecimento do suporte.

⁵ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Vias medievais. I. Entre Douro e Minho*. Dissertação de licenciatura, apresentada à Faculdades de Letras do Porto, 1967. Inédita. IDEM – *Os caminhos e a assistência no norte de Portugal*, in *A Pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média*, *Actas das 1.ª Jornadas Luso-espanholas de História Medieval*, tomo I, Lisboa, I. A. C., 1973, pp. 39-57. Ver mapa, entre as pp. 50-51. IDEM – *Caminhos medievais no Norte de Portugal*, in *Caminhos portugueses de peregrinação a Santiago. Itinerários portugueses*. Xunta de Gallicia-Centro de Artes Tradicionais. Comunidade de Trabalho Gallicia-Norte de Portugal, Santiago-Porto., 1995, pp. 339-356. Para aspectos de pormenor, veja-se a identificação destes e de outros caminhos nesta mesma obra, que acabamos de citar.

⁶ MORENO, Humberto Baquero – *Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média*, in «Revista da Faculdade de Letras», II Série, Vol. III, Porto, 1986, pp. 77-89.

⁷ von SAUCHEN, Paolo G. Caucci – *La via lusitana en los relatos de los peregrinos italianos*, in *Actas de las Jornadas sobre O Caminho de Santiago – Portugal na memória dos peregrinos*. 29 y 30 de marzo de 2001. Universidade Portucalense – Porto. Xunta de Gallicia, Conselleria de Cultura, Comunicación Social e Turismo, 2002, pp.137-152, mas, concretamente, p. 149. Ver também: ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Os caminhos e a assistência no norte de Portugal*, pp. 348-355.

⁸ *Liber Fidei Sanctæ Bracarensis Ecclesie*. Edição crítica pelo P.º Avelino de Jesus da Costa, tomo I, Braga, 1965, p. 245. É o que se afirma nesta arenga do documento n.º 211, publicado na página do *Liber Fidei*, que acabamos de referir: - «*Quoniam evangelica documenta nos admonent elemosinam dare que peccatum ut aqua ignem extinguit et própria*

fazendo as suas vezes, temos de recordar as barcas de passagem, havendo também algumas designadas *barcas por Deus* ou *por amor de Deus*, que deviam estar sempre prontas para passar, gratuitamente, quem aí chegasse, tanto peregrinos como quaisquer outros transeuntes⁹.

Mas os caminhos, à medida que o número de peregrinos aumentava, iam-se definindo e consagrado como caminhos de peregrinação e passaram a ser enriquecidos com estruturas de apoio, como albergarias ou hospedarias e hospitais, espalhados ao longo de todo o Reino, de que se conhecem números muito significativos¹⁰. A criação e manutenção destas instituições, como expressão de caridade cristã, no exercício das obras de misericórdia, respondiam, de certo modo, aos ensinamentos do capítulo XI do livro V do *Codex Calixtinus* quanto à obrigação de acolher os peregrinos de S. Tiago, fossem eles ricos ou pobres, que termina com estas palavras: - «*Quapropter sciendum quod sancti Iacobi peregrini sive pauperes sive divites, iure sunt recipiendi et diligenter procurandi*»¹¹.

Não pretendemos deter-nos mais sobre estes aspectos materiais da logística inerente aos caminhos de S. Tiago dentro de Portugal, mas os elementos mencionados comprovam quanto se avançou neste domínio, nas últimas décadas, embora haja campo aberto para prosseguir a investigação.

3 - Principais fontes de informação

Feita esta evocação de alguns problemas dos caminhos portugueses “de peregrinação”, para esse efeito enriquecido com estruturas de apoio, em relação ao nosso tema, estes, articulados com muitos outros não inscritos nas rotas de S. Tiago, foram intensamente calcorreados na peregrinação interna para os centros privilegiados pelos templos dedicados aos santos taumaturgos, a que nos vamos referir, quer eles aí tenham vivido, quer aí tenham passado a ser especialmente venerados.

Na impossibilidade de apresentarmos uma visão exaustiva de todos os santos que se encontravam nos caminhos de peregrinação percorridos dentro das fronteiras portuguesas, impõe-se indicar as principais fontes de investigação, esclarecendo, desde já, que prestaremos atenção, essencialmente, às que transmitem os “milagres” dos santos que viveram em localidades situadas

*ac temporalia largiri ut eterna atque celestia promereamur...». A mesma ideia de perdão dos pecados alcançado mediante a doação de bens - neste caso, à Sé de Braga -, está, igualmente, presente na arenga, do documento n.º 157, do *Liber Fidei*, I, p. 183-184, com duplo fundamento bíblico: - «*Date et dabitur vobis* - (que, neste caso, se apresenta deturpado: *Dabitur date et vobis*) - *querite invenietis pulsate et aperietur vobis*», a que se segue esta súplica, tirada do Velho Testamento: - «*Dissolve fascículos deprimentes qui confracti sunt liberos et honus eorum dirumpe*».*

⁹ MARQUES, José - *Viajar em Portugal, nos séculos XV e XVI*, in «Revista da Faculdade de Letras», II Série, Porto, vol. 14, 1997, pp.101-107. BRAGA, Paulo Drumond - *Barcas de Passagem em Portugal durante a Idade Média. Elementos para o seu estudo*, in Arquivos do Centro Cultural Português, Lisboa- Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. 32, 1993, pp. 373-388.

¹⁰ MARQUES, José - *A assistênciano Norte de Portugal nos finais da Idade Média*, in «Revista da Faculdade de Letras. - História», II Série, Porto, vol. VI, 1989, pp.37-41. IDEM - *O culto de S. Tiago no Norte de Portugal*, separata da Revista «Lusitânia Sacra», 2ª. Série, Lisboa, vol. 4, 1992, pp. 40-42.

¹¹ *Liber Sancti Jacobi. Codex Calixtinus*. Transcripción, a partir do Códice original, de Klaus Herbers y Manoel Santos Noia. Xunta de Galicia, 1997, p.257.

ao longo dos principais caminhos portugueses ou aí foram sepultados, continuando, depois da morte, a atrair muitos devotos necessitados das suas graças.

Trata-se de vários santos, quer anteriores à independência de Portugal (1143 / 1179), quer a ela subsequentes, cujas biografias, em muitos casos, estão publicadas nos "Portugaliae Monumenta Histórica – Scriptores"¹² e/ou em edições críticas bilingues ou somente em traduções portuguesas, eventualmente preparadas com objectivos específicos, mas que, em última instância, acabaram sempre por divulgar o seu conhecimento. Pensamos, essencialmente, nos seguintes, S. Frutuoso, S. Vicente, S. Geraldo e os santos mártires Victor, Susana, Silvestre e Cucufate, S. Teotónio, Santa Senhorinha de Basto, S. Gil de Santarém, Santos Mártires de Marrocos, Rainha Santa Isabel, beato D. Nuno Álvares Pereira, Infante Santo D. Fernando, a Princesa Santa Joana, para nos fixarmos, preferencialmente, em santos do período medieval, mais conhecido e mais cultuados.

Para evitarmos repetições desnecessárias, dispensamo-nos de mencionar aqui as obras a eles referentes, optando pela sua referência bibliográfica completa. à medida que formos apresentando a súpula das suas vidas e milagres.

Trata-se de santos, cujos templos e túmulos eram frequentemente visitados por multidões de peregrinos ou romeiros, como vulgarmente eram chamados, que aí afluíam confiados no seu poder intercessor, muitas vezes, em busca do *milagre* que aliviasse os seus sofrimentos físicos e angústias e alterasse as suas vidas.

Ao longo desta exposição, empregaremos com frequência o termo *milagre*, no sentido comum atribuído pelos biógrafos, que, num sentido muito lato podemos tomar como sinónimo de "graça", não se podendo confundir com o conceito e definição teológica tradicional, que o apresenta como «opus quod intra natura, sed preter leges naturae, a solo Deo fit»¹³. Sem negarmos a possibilidade do milagre e a intervenção do sobrenatural na vida humana, como à frente veremos, muitos dos pretensos milagres não resistiriam a um apertado exame científico.

E nem deveremos estranhar estas recolhas de milagres, destinados à exaltação dos santos, por cuja intercessão tinham sido realizados a favor dos seus devotos, constituindo, ao mesmo tempo, novos estímulos de Fé e de atracção de mais peregrinos.

Os santos dos caminhos portugueses, que também são caminhos de S. Tiago, foram surgindo no decurso do tempo, mercê de condicionalismos diversos, o mesmo se podendo dizer de outros aí presentes, apenas, nas suas relíquias. Tais centros de fé e devoção não obedeceram a qualquer lógica ou programa previamente estabelecido, mas lá estavam e continuam, embora atingidos pelas vicissitudes dos tempos. A sua evocação neste congresso, permite aplicar-lhes a recomendação que o capítulo VIII do livro V do *Codex Calixtinus* formula a propósito de outros santos dos

¹² *Portugaliae Monumenta Histórica a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum iussu Academiae Scientiarum Olisiponensis edita, Scriptores*. Volumen I, fasciculus I. Olisipone, Typis Academicis, MDCCCLVI. Nos casos seguintes, mencionaremos esta obra de forma abreviada: *P. M. H., Scriptores*, seguido do n.º. do volume e da página.

¹³ Para a explicitação deste conceito, veja-se, entre outras obras: *Vocabulário de Teologia Bíblica*, dirigido por Léon Dufour, S. J. e outros, Petrópolis, Vozes, 1982, cols. 583-591; e *Milagre*, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 13.º, Lisboa, Editorial Verbo, 1972, cols. 691-694, que remete para bibliografia teológica específica qualificada.

caminhos de S. Tiago, ubicados além dos Pirenéus: - «*De corporibus sanctorum que in itinere Sancti Iacobi requiescunt, que peregrinis eius sunt visitanda*»¹⁴.

Disponhamo-nos, por isso, a percorrer algumas etapas dos caminhos portugueses e conhecer um pouco da vida destes santos e dos seus milagres.

4 – Os santos mais notáveis dos caminhos portugueses

Na apresentação da vida e dos milagres dos santos mais notáveis, cujos corpos e relíquias - ou, ao menos, a memória - perduram em localidades e monumentos importantes, não é possível harmonizar o critério cronológico com o geográfico da progressão de sul para norte, em direcção a Santiago de Compostela, pois alguns dos santos mais antigos a que nos vamos referir encontram-se na zona norte, mais concretamente em Braga (S. Frutuoso e S. Geraldo, de Braga) e Cabeceiras de Basto (Santa. Senhorinha), sem esquecermos que até 1102, na cidade primaz também se veneravam as relíquias dos mártires locais, acima referidos.

Nestas circunstâncias, optámos pela sequência cronológica, independentemente da localidade onde o santo tenha vivido ou esteja sepultado, começando por aqueles que são anteriores à independência de Portugal.

4. 1.- S. Frutuoso e os mártires de Braga

O conhecimento da vida e milagres deste santo, abade-bispo de Dume e, nos últimos anos de vida, simultaneamente arcebispo de Braga, provavelmente falecido em 665 (5) está facilitado pelo estudo do Prof. Manuel C. Diaz e Diaz¹⁵ - *La vida de San Frutuoso de Braga*, em que, além das linhas gerais da sua biografia, que vão aparecendo através da sua investigação, expõe, de forma clara e exaustiva, os problemas relativos ao autor - S. Valério - e à época da composição da obra, sendo a de 670-680 a mais provável, analisa as fontes literárias da *Vita Fructuosi*, merecendo-lhe grande atenção o capítulo da tradição manuscrita, com a descrição e crítica dos vários códices, e, por fim, as edições da mesma.

Ao estudo, segue-se a edição bilingue latim-castelhano de *La Vida de S. Frutuoso de Braga*, em que sobressai a sua acção como fundador de elevado número de mosteiros (13) e reformador da vida monástica, através da *Regula monachorum*, dada ao mosteiro de Compluto, da *Regula communis* ou *Regula monástica communis* e o *Pacto Fructuosi*, de que resultou o característico monacato de tendência federalista. E a culminar toda esta actividade, registe-se ainda a fundação do mosteiro de Montélios - mais tarde transformado em mausoléu -, e a acção pastoral, exercida na dupla qualidade de abade-bispo de Dume e metropolitano de Braga e de toda a Galécia, depois de, na sequência da deposição do arcebispo Potâmio, ter sido investido nesta última dignidade no decurso do X concílio de Toledo (656)¹⁶. Por mais interessante que seja a sua biografia,

¹⁴ *Liber Sancti Jacobi. Codex Calixtinus.*, p. 241.

¹⁵ DIAZ y DIAZ, Manuel C. - *La vida de San Frutuoso de Braga*. Estudio y edición crítica, Braga, 1974.

¹⁶ *Concilios visigóticos e hispano-romanos*. Edición preparada por José Vives com la colaboración de Tomás Marín Martínez e Gonzalo Martínez Díez, Barcelona-Madrid, CSIC, 1963, p. 321: - «*Tunc venerabilem Fructuosum ecclesiae*

cremos que, neste momento, interessa, sobretudo, o próprio S. Frutuoso, como alvo e centro da devoção dos fiéis, que, atraídos pela fama dos milagres, que continuava a fazer depois da morte, acorriam ao seu túmulo, em Montélios, nos subúrbios de Braga¹⁷.

Sem nos determos em pormenores, recordemos o essencial dos milagres realizados em vida, pois, quanto aos posteriores à sua morte, S. Valério concluiu a vida do Santo abade e metropolitano da antiga Galécia em tempos visigodos dizendo, apenas, isto:- «*A todos los que acudem al santíssimo sepulcro de su santo corpo se les siguen manifestando las pruebas de sus virtudes: pues allí sanan los enfermos y se ahuyentan los demonios, y quien desconsolado pide su indefectible ayuda, al punto consigue del Señor cumplimiento de sus peticiones*»¹⁸.

Quanto aos realizados em vida, recordemos o episódio da corça perseguida pelos caçadores e cães que encontrou junto dele e sob o seu hábito a necessária protecção, a ele se ficando a dever o perdão e a saúde o jovem que matou a corça a que o Santo tanto se tinha afeiçoado, não sendo difícil aceitar que foi em função da segunda parte da narração que se verificaram os factos mencionados na primeira¹⁹.

Do mesmo modo, por sua intercessão, foi curado aquele aldeão que, instrumentalizado pelo demónio, o perseguiu e espancou, sob a acusação de que era um «fugitivo», durante a travessia de Idanha para Mérida, e quando Satanás, ao sinal da cruz feito pelo santo caminhante Frutuoso, o abandonou, tendo-se ferido gravemente, devido às violentas convulsões em que se agitou aos pés da sua vítima²⁰.

Não menos impressionante – até pelo cunho cultural que lhe está inerente – foi a graça recebida durante uma travessia da Lusitânia para a Bética, libertando da morte por afogamento, um jovem que conduzia e o cavalo carregado com os seus códices, ambos arrastados por violento redomoinho, num rio caudaloso e profundo, aumentando o espanto dos companheiros de viagem, quando verificaram que os códices, apesar de submersos na corrente, durante algum tempo, estavam absolutamente secos²¹.

A este podemos acrescentar outros, como o ter salvo de naufrágio eminente a barca em que seguia, atingida por violenta tempestade²², e haver conseguido a suspensão das chuvas torrenciais, num domingo, logo que embarcou com destino a uma ilha de Cádiz²³, sem omitirmos toda a protecção dada à donzela Benedita, oriunda de família nobre, que, apesar da sua intenção de

Dumiensis episcopum communi omnium nostrorum electione constituimus ecclesiae Bracarenis gubernacula continere, ita ut omnem metropolim provinciae Gallaeciae cunctosque episcopos populosque conventus ipsius omnemque curam animarum et rerum Bracarensis ecclesiae gubernanda suscipiens ita conponat atque conservet, ut et Deum nostrum de rectitudine operis sui glorificet, et nobis de incolomitate eius ecclesiae gaudium praestet».

¹⁷ S. Frutuoso mandou construir em Montélios um mosteiro. Hoje admite-se que o monumento actual é obra dos finais do séc. IX ou dos princípios do séc. X, sendo os elementos decorativos e os arcos ultrapassados influência da arte emiral, de execução moçárabe, de que há outros vestígios na região nortenha, como por exemplo em S. Torquato, Guimarães, e na Galiza (Cf. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da Arte em Portugal. Arte da Alta Idade Média*, vol. 2. Lisboa, Publicações Alfa, 1986, pp. 114-1545, mas, sobretudo, pp. 115, 122, 126, 127.

¹⁸ *La vida...*, p. 117.

¹⁹ *La vida...*, pp. 95 e 97.

²⁰ *La vida...*, pp. 99 e 101.

²¹ *La vida...*, p. 101.

²² *La vida...*, p. 103.

²³ *La vida...*, p. 105.

entrar em religião, contra sua vontade tinha sido prometida em casamento a um guardingo, acabando, após de aturados cuidados, por fundar um grande mosteiro²⁴.

E não será a despropósito recordar que, séculos depois da sua morte, em 1102, através das suas relíquias, acompanhadas pelas do mártires bracarenses, Susana, Cucufate e Silvestre, pela mão de prelado compostelano Diogo Gelmires, ainda se relacionou com a Sé compostelana, mediante um acto que a *História Caompostelana* classifica de *pio latrocínio*, tendo, finalmente, parte dessas mesmas relíquias sido devolvidas a Braga, encontrando-se expostas à veneração dos fiéis na Sé, de que foi metropolita, e na igreja paroquial de Real, ao lado do seu antigo mausuléu.

4. 2.- S. Geraldo

Porque estamos em Braga, não devemos olvidar S. Geraldo, que ocupou o sólio bracarense após a longa vacância de cerca de oito anos (1091/92-1099), e foi o primeiro a receber o palio de arcebispo e metropolita, após a restauração da diocese, em 1071. Religioso cluniacense, trazido de Moissac para Toledo pelo bispo Bernardo, foi provido na Sé de Braga, aproximadamente, a 26 de Janeiro de 1099²⁵, tendo falecido em plena visita pastoral à zona transmontana, quando, em 5 de Dezembro de 1108, se encontrava na igreja de Bornes, que ainda conseguiu consagrar pouco antes de morrer²⁶. É bem conhecida a sua acção pastoral e governativa, a sua preocupação pela introdução do Rito Romano, em Braga, e a oposição ao rito hispânico, a ponto de ter questionado a Cúria Romana sobre a validade das ordenações celebradas segundo o rito hispânico, a que Pascoal II respondeu afirmativamente²⁷. Do que foi a sua solicitude com a organização material da arquidiocese dá eloquente testemunho o célebre *Liber Fidei* da Sé de Braga.

Tal como em relação aos santos precedentes, também nos fixaremos, de preferência, nos milagres de S. Geraldo, depois da sua morte. E os primeiros que o biógrafo D. Bernardo anotou foram os realizados durante a transferência dos seus restos mortais de Bornes para Braga. Antes de mais, a resposta à oração convite feito pela nobre senhora Ausenda dirigido a todos os acompanhantes para que suplicassem a N. S. Jesus Cristo a travessia da grande cheia do rio Tâmega, sem risco para os que transportavam o féretro do Arcebispo e para quantos o acompanhavam, o que, de facto, aconteceu²⁸. Nessa mesma altura, atendeu a prece colectiva pelos dois rapazinhos, que passavam num pequeno barco, que se voltou, e foram arrastados pela torrente, saindo sãos e salvos por sua intercessão²⁹. Depois, a facilidade com que trouxeram de

²⁴ *La vida...*, pp. 109-111.

²⁵ COSTA, P.º Avelino de Jesus da – *A vacância da Sé de Braga e o episcopado de São Geraldo /1092-1108*, Braga, 1991, p. 10.

²⁶ BERNARDO, Dom – *Vida de S. Geraldo*, tradução de José Cardoso, Braga, Livraria Cruz, 1959, p. 30.

A vida de S. Geraldo encontra-se nos: *P. M. H. – Scriptores*, fasc. I, pp. 53-59.

²⁷ *Liber Fidei*, ed. crítica do P.º Avelino de Jesus da Costa, tomo I, p. 11, doc. n.º 8, criticamente datado de [1100-1108]: - «*Paschalis episcopus servus servorum Dei. Dilecto fratri Geraldo Bracharensi archiepiscopo salutem et apostolice (sic) benedictionem. Eos qui secundum Toletanum morem ante Romane consuetudinis cognitionem ad diaconatus seu presbiteratus officium proventi sunt, si alias digni fuerint, ab eisdem ordinibus minime removemus.*».

²⁸ BERNARDO, Dom – *O. c.*, pp. 33-34,

²⁹ BERNARDO, Dom – *O. c.*, p. 34.

Tibães para Braga a pesada arca tumular, que tanto havia custado a levar de Braga para Tibães³⁰; a cura da chaga da perna do clérigo Ssegudo³¹ e a cefaleia de um clérigo de Panóias³²; cura de paralisia e lepra de uma mulher de Braga³³; a uma jovem, que durante um ano, vagueara completamente louca furiosa, restituiu-lhe o uso normal das faculdades mentais³⁴; salvou do naufrágio iminente o clérigo bracarense, Honorico, que, juntamente os companheiros, lhe suplicaram protecção³⁵; ao monge Pelágio ou Paio, que, no regresso de uma acção pastoral deparou com a impossibilidade de atravessar o Cávado, proporcionou-lhe a chegada de um pequeno barco, em que conseguiu passar em segurança para a margem esquerda e seguir para Braga³⁶; a um homem de Sequeira, nos arredores de Braga, cego, surdo e paralítico, que levaram a Braga num carro e colocaram aos pés do Santo Arcebispo e aí permaneceu em oração confiante, restituiu-lhe a saúde suplicada, regressando a casa pelos seus pés³⁷. O próprio D. Bernardo, seu biógrafo, apresenta-se como tendo sido curado, quase *in extremis*, do que poderemos designar *anginas*³⁸, não deixando de observar que muitos que não podiam ir junto do seu túmulo, pela distância a que se encontravam ou porque andavam embarcados e a braços com o perigo das ondas do mar e tantos outros, de que não tinha informação, faziam chegar à igreja de S. Nicolau, onde estava sepultado, cabeças de cera, figuras inteiras ou apenas dos membros curados, como ex-votos, testemunhos da sua fé e da santidade do prelado a que tinham recorrido³⁹.

4. 3.- S. Vicente

Evocando agora S. Vicente, muito mais antigo do que S. Frutuoso e S. Geraldo, temos de reconhecer que só passou a ser venerado, em Lisboa, depois de reconquistada, em 1147.

Sabe-se que, de Valência, onde era cultuado, para o preservar da fúria devastadora de Abderramão, o seu corpo foi levado para o Cabo a que deu o seu nome, onde alguns cristãos lhe levantaram uma capela e continuaram a prestar-lhe culto.

A transferência das suas relíquias para Lisboa ficou a dever-se a uma expedição para o efeito promovida por D. Afonso Henriques, coroada de êxito, em 15 de Setembro de 1173⁴⁰, tendo acabado por ficarem à veneração dos fiéis na Sé. Além desta primeira expedição, o monarca enviou outra, pouco depois, com o objectivo de recolher quaisquer relíquias que, eventualmente, por lá tivessem ficado, como na realidade se comprovou.

³⁰ BERNARDO, Dom – *O. c.*, p. 35.

³¹ BERNARDO, Dom – *O. c.*, p. 36.

³² BERNARDO, Dom – *O. c.*, p. 37.

³³ BERNARDO, Dom – *O. c.*, p. 38.

³⁴ BERNARDO, Dom – *O. c.*, p. 40.

³⁵ BERNARDO, Dom – *O. c.*, pp. 40-41.

³⁶ BERNARDO, Dom – *O. c.*, pp. 41-42.

³⁷ BERNARDO, Dom – *O. c.*, p.42.

³⁸ BERNARDO, Dom – *O. c.*, pp. 45-46.

³⁹ BERNARDO, Dom – *O. c.*, pp. 46-47.

⁴⁰ NASCIMENTO, Aires Augusto - GOMES, Saúl António - *S. Vicente de Lisboa e seus milagres*, Lisboa, Edições Didaskalia, 1988, p. 41. Nos casos seguintes, os dois autores da Introdução e editores do texto dos Milagres serão apresentados de forma abreviada: NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A.- *O. c.*, seguidos da indicação das páginas.

O estudo e edição crítica dos seus milagres, fonte indispensável para o conhecimento do seu culto em Lisboa, foram feitos pelo Prof. Aires Augusto Nascimento, tendo ficado acessíveis em edição patrocinada pela Câmara Municipal de Lisboa, em 1988.

Também aqui, consideramos prioritário apontar algumas notas sobre o culto deste Santo patrono da cidade de Lisboa, que já figura no célebre *Missal de Mateus*⁴¹, certamente por via francesa. O incremento do culto vicentino em Lisboa, se encontrou em D. Afonso Henriques um primeiro estímulo, logo encontro grande receptividade no povo de Lisboa e até de localidades muito afastadas, inclusive, além fronteiras, como a descrição de alguns milagres revela, tendo o sínodo de Lisboa de 1240 determinado que os párocos orientassem os fiéis a visitarem anualmente as relíquias de S. Vicente, prestando-lhes, assim, a honra e homenagem devidas⁴².

Para além da devoção do nosso primeiro rei a S. Vicente, para a cidade, que tinha sido resgatada oficialmente do domínio do Islão, era importante também atribuir-lhe um padroeiro celeste e o afluxo de devotos vindos de fora contribuía para uma crescente afirmação da presença cristã, nesta cidade. A melhor prova da irradiação do culto de S. Vicente encontra-se na procedência dos devotos miraculados, mencionando-se, inclusive, um vindo propositadamente de Lugo⁴³.

Não gostaríamos de prosseguir a casuística taumaturga, parecendo mais prático aludir à natureza dos milagres realizados, com referência explícita à cura de paralisias, cegueira, surdez, doenças neurológicas, libertação da pressão ou mesmo possessão diabólica e outros, que perpassam ao longo das duas colecções de milagres, que integram a obra que temos vindo a seguir⁴⁴.

Apesar disso, não poderemos deixar de salientar a exemplaridade de alguns milagres operados junto do túmulo com as santas relíquias, que reflectem e testemunham a repercussão do culto de S. Vicente além fronteiras, sobressaindo entre tantos outros feitos a favor de nacionais. Assim, casos como o da cura de uma jovem em idade núbil, que ficou louca, tendo sido feitas veementes súplica por ela a S. Vicente, recuperou o juízo e a voz que tinha perdido⁴⁵; uma criança, de três anos, deformada e sem fala foi curada de repente⁴⁶; uma menina de oito anos possessa do demónio, levada ao túmulo de S. Vicente pelos pais, é curada⁴⁷; podendo-se apontar, ainda, a cura do calceteiro coxo, que se arrastava apoiado sobre as mãos, e do cego que estava à porta da cidade, que dava para o Lumiar⁴⁸.

⁴¹ *Missal de Mateus*. Manuscrito 1000 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga. Introdução, leitura e notas de Joaquim Oliveira Bragança, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

⁴² *Synodicon hispanum. II Portugal*, dirigido por António Garcia y Garcia, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos (B.A.C.), 1982, p. 293. A constituição n.º 23 do sínodo celebrado pelo bispo de Lisboa, sucessor de D. Soeiro II Viegas (1210-1240), que, «com toda a probabilidade» foi D. João I (1238? -1241), determina: - «*Item, moneant presbiteri parrochianos suos tam in confessionibus suis quam in predicationibus sive <> ut saltem semel in anno peregre visitent ecclesiam Ulixbonensem in honorem gloriosissimi martiris beati Vincentii*».

⁴³ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – O. c., pp. 84/86-85/87, respectivamente, nas versões latina e portuguesa.

⁴⁴ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – O. c., pp. 28/29 – 90/91.

⁴⁵ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – O. c., p.43.

⁴⁶ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – O. c., 45.

⁴⁷ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – O. c., p. 47.

⁴⁸ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – O. c., p. 73.

Mais espectacular é a cura do homem de Lugo, pai de um presbítero e um diácono que morreram queimados num incêndio; face a esta tragédia ficou transtornado e cego, mas, aconselhado a ir a Lisboa ao túmulo de S. Vicente, ficou curado e recuperou a vista.⁴⁹

Por sua vez, o relato dos episódios do martírio de S. Vicente, dado como natural de Évora, e de sua irmãs, Santas Sabina e Cristeta, perseguidos pelos soldados de Daciano, mortos e deixados no cavalete, nas proximidades de Ávila, e guardados por uma serpente, com episódios que levariam um judeu à conversão, marca o epílogo da série dos seus milagres⁵⁰.

4. 4. – S. Frei Gil de Santarém

Prosseguindo de Lisboa até Santarém os peregrinos podiam venerar e edificar-se com o exemplo do santo dominicano, Frei Gil de Santarém, natural de Vouzela, próximo de Coimbra, cuja *vida* ou *legenda*, por Fr. Baltasar de S. João, mereceu a atenção crítica do Prof. Aires do Nascimento.

Oriundo de pais exemplares, a tentação da fama e da ciência levaram-no até Paris, onde terá cedido às seduções do demónio, que o levou a assinar um pacto com ele, que, após a conversão, recuperou.

Mesmo depois da conversão e da profissão religiosa continuou a ser atormentado e provocada para o mal pelo demónio, a que energicamente resistiu, sendo beneficiado também e de certo modo compensado com numerosas situações de êxtase, que chegavam à levitação. Apesar disso, teve de enfrentar também a calúnia dos seus confrades, que chegaram a acusá-lo, no capítulo geral, de falta de respeito a uma tal Francisca Peres, da nobreza, quando a ouvia de confissão. A sua serenidade perante a acusação e confiança em Deus levou os detractores a desmascararem-se e o fautor da vil calúnia – Fr. Lourenço – a arrepender-se e fazer penitência.

Além disso, na sua vida de oração é considerado impostor, não lhe faltando tormentos dentro do convento dominicano de Santarém, em que vivia⁵¹.

Os peregrinos que aqui acorriam bem se podiam comprazer e edificar com a notícia dos milagres e fenómenos extraordinários por ele operados em vida e, sobretudo, após a sua morte, que o autor da *legenda* descreve, tendo o cuidado de mencionar o nome dos beneficiários de tais actos e as localidades em que ocorreram. Estão neste caso a vila de Óbidos, onde fez aumentar os restos de pão, à semelhança do que tinha acontecido em Saragoça. Em Coimbra, transformou o vinho que o despenseiro do mosteiro de Santa Cruz encontrou completamente estragado e dom cheiro insuportável em vinho de agradável aroma⁵², além de muitos outros que procurava disfarçar dizendo que aconteciam por virtude da capa de S. Domingos, que trouxera de Bolonha, depois de um Capítulo Geral⁵³.

⁴⁹ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – *O. c.*, p. pp. 85-87.

⁵⁰ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – *O. c.*, pp. 91-93.

⁵¹ NASCIMENTO, A. A. GOMES, S. A – *O. c.*, p. 84.

⁵² Frei Baltazar de S. João – *Vida de Fr. Gil de Santarém*, ed. crítica e tradução de Aires Augusto Nascimento, Lisboa, I.N.I.C.- Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 1989, p.86-87. Nos casos seguintes, citaremos esta obra de forma abreviada:–*Vida de Frei Gil...*, p. ...

⁵³ Cf. *Vida de Frei Gil...*, p. 90.

Mais numerosos e espectaculares são os milagres feitos depois da morte. Assim, a jovem Maria, de dezoito anos, de Santarém, que tinha perdido a fala, por sua intercessão recuperou-a; outra jovem, chamada Francisca, foi liberta do demónio, que a atormentava violentamente; ainda em Santarém, curou Maior ou Mor Pais de um cancro na face e Maria Soares de dor do coração, que trazia, havia seis anos⁵⁴; Domingos Martins, de Coimbra, também por sua intercessão ficou curado de uma hérnia estrangulada; mercadores que navegavam para as ilhas portuguesas, tendo-lhe suplicado, viram logo o mar acalmado, ficando livres de perigo⁵⁵; deu vida a uma criança que se tinha afogado no balneário das termas de Lafões⁵⁶.

Entre os milagres mais recentes, averbados por Frei Baltazar de S. João há um que tem alguma ligação com a peregrinação a Santiago de Compostela. Foi o caso de certo *castelhano* que tendo vindo a Compostela cumprir um voto a S. Tiago e, regressando a casa por Portugal, certa noite dormira num vale. De manhã, quase não podia andar devido ao enregelamento. Tendo sido incitado à devoção e conduzido ao túmulo de S. Frei Gil, passada uma hora estava curado⁵⁷.

Para encerrar estas referências ao famoso santo de Santarém, diremos, apenas, que após o levantamento do seu corpo, curou cegos, coxos, fluxos de sangue e obteve muitas outras graças aos devotos que a ele recorriam⁵⁸.

4- 5. – Os Santos de Coimbra

Subindo, agora até Coimbra, os peregrinos desejosos de conhecerem a vida e os numerosos milagres dos santos ligados a esta cidade, teriam de se inteirar da vida e santidade de S. Teotónio, dos cinco Mártires de Marrocos e da Rainha Santa Isabel, por duas vezes, peregrina de S. Tiago.

4. 5. 1 – S. Teotónio

S. Teotónio, natural de Tardinhade, na freguesia de Ganfei, em frente a Tui, foi para Coimbra levado pelo bispo Crescónio seu tio, transferido para a Sé de Coimbra, ai se tendo formado. Designado administrador da diocese de Viseu, dependente da de Coimbra, renunciou ao cargo para peregrinar a Jerusalém. Tendo regressado, pouco se demorou, na cidade do Mondego, tendo partido de novo acompanhado por um grande número de peregrinos, que salvou de perecerem num naufrágio iminente, por altura do Cabo de Málea⁵⁹, assim se ficando a conhecer o seu valimento junto de Deus. Após o regresso, foi convidado a integrar a comunidade de

⁵⁴ Cf. *Vida de Frei Gil...*, p. 98.

⁵⁵ Cf. *Vida de Frei Gil...*, p. 100.

⁵⁶ Cf. *Vida de Frei Gil...*, p. 102.

⁵⁷ Cf. *Vida de Frei Gil...*, p. 104.

⁵⁸ Cf. *Vida de Frei Gil...*, p. 108.

⁵⁹ Cf. *Vida de S. Teotónio*, prefácio, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Coimbra, Edição da Igreja de Santa Cruz, 1987, pp. 14-15. O Cabo de Málea ou Mália corresponde ao promontório de Matapão (Matapas ou Tainaron), na extremidade meridional da Grécia (cf. MARQUES, José – *Imagens de peregrinos e peregrinações medievais no Ocidente peninsular*, in *Gli Anni Santi nella Storia*, a cura di Luísa D'Arienzo, Atti del Congresso Internazionale, Cagliari 16-19 outubro, Cagliari, Edizioni AV, 2000, p.262.

Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, de que foi o primeiro prior, abandonando, definitivamente, o projecto de regressar à Terra Santa e acabar os seus dias junto do Santo Sepulcro.

O impulso dado à nova Ordem monástica, que logo se expandiu para norte e para sul, marca um dos aspectos da sua vida, coroada com o dom dos milagres, especialmente a cura da possessão diabólica, de que curou o monge inglês, Samuel, expressamente trazido ao mosteiro de Santa Cruz, o mesmo tendo feito com dois religiosos da sua comunidade, de que imperiosamente expulsou o demónio⁶⁰.

4. 5. 2. – Os Cinco Mártires de Marrocos

Ligados ao Mosteiro de Santa Cruz, estão também os Cinco Mártires de Marrocos. Italianos de origem, estiveram algum tempo no convento de Alenquerque e daqui partiram, primeiro para Sevilha, donde foram expulsos, e depois, para Marrocos, onde receberam a palma do martírio, no dia 16 de Janeiro de 1220. Encontrando-se, nessa altura, D. Pedro Sanches, filho de D. Sancho I, ao serviço do Miramolim de Marrocos, a quem tinha ido oferecer os seus serviços, recolheu os seus corpos e, no momento oportuno, enviou-os para Portugal, tendo chegado ao mosteiro crúzio de Coimbra - onde tinham estado em vida -, no mês de Novembro desse mesmo ano, sensivelmente por ocasião da morte da rainha D. Urraca⁶¹, por eles profetizada⁶². O seu culto espalhou-se, mercê da intervenção dos mosteiros da mesma Ordem, celebrando-se, ainda, anualmente, em Paderne, Melgaço, a sua festa, com procissão evocativa do seu martírio, desde a capela de Nossa Senhora dos Remédios, sita no lugar de Sante, até à igreja paroquial, que até 1770, foi igreja do antigo Mosteiro de S. Salvador de Paderne, de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, integrado na Congregação de que Santa Cruz de Coimbra era casa-mãe.

Do impacto que a sua devoção ia tendo nas populações dá claro testemunho o *Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, cuja primeira edição data de 1568⁶³.

Entre os beneficiados com a intervenção destes Santos Mártires, contam-se o Cónego Diogo Gonçalves, que tendo engolido uma sanguessuga, logo a deitou fora, quando «a mulher de Vaasco Annes, sua madrinha, o encomendou e estes sanctos mártires»⁶⁴. Por sua vez, o prior de S. Tiago (de

⁶⁰ Cf. *Vida de S. Teotónio*, prefácio, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Coimbra, Edição da Igreja de Santa Cruz, 1987, pp. 30-31.

⁶¹ VELOSO, Maria Teresa Nobre – *D. Afonso II. Relações de Portugal com a Santa Sé durante o seu reinado*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 2000, p.67.

⁶² *Carónicas dos Miniistros Gersais da Ordem dos Fraires Menores (1209-1285)*. Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico por José Joaquim Nunes, t.vol. I., Coimbra, 1918, p. 23 ss.

⁶³ *Tratado da vida e martírio dos cinco Mártires de Marrocos*. Texto arcaico reimpresso de harmonia com o único exemplar conhecido, com introdução, notas e índice de António Gomes da Rocha Madail, Coimbra, imprensa da Universidade, 1928, pp. 66 e 86-91.

Além desta edição, a Legenda dos Mártires de Marrocos está publicada, na versão latina, nos *Portugaliae Monumenta Histórica. Scriptores*, I, pp. 104-116.

⁶⁴ M. ARTINS, Mário – *Peregrinações e Livros de Milagres da nossa Idade Média*, 2.ª ed. Lisboa, edições “Brotéria”, 1957, pp. 176-177.

Coimbra), João Martins, viu-se livre de um osso de coelho cravado na garganta, após ter feito uma romaria ao mosteiro de Santa Cruz, onde repousavam as suas relíquias. Ao delegado papal, que desdenhara de fazer oração a estes santos mártires, caiu-lhe ao chão, morta, a mula em que andava. Tendo-lhe algumas pessoas presentes dito que era por não ter feito oração aos Santos Mártires, regressou a Coimbra, pediu-lhes perdão e ofereceu-lhes grandes dádivas: Uma endemoninhada foi livre de Satanás e ficou tranquila⁶⁵. Nesta mesma linha situa-se o facto de um tal Diogo Pires andar atarefado a podar videira no dia da festa dos Santos Mártires de Marrocos, que tendo sido advertido de que era o dia litúrgico destes santos Mártires, respondeu «*que oje nam he de guarda*», e continuou a trabalhar. Acto contínuo, foi invadido por tão fortes tremuras no corpo e nas mãos que acabou por admitir que era castigo pela atitude tomada em relação a estes santos. Foi ao Mosteiro de Santa Cruz pedir-lhes perdão, e prometeu que, de futuro não mais faltaria aos actos litúrgicos em sua honra, e ficou curado. Posteriormente, este mesmo Diogo Pires testemunhou que as oitenta a cem videiras que tinha podado, antes de ser advertido para a solenidade da festa litúrgica dos Santos Mártires de Marrocos; nesse ano, não produziram um único cacho de uvas⁶⁶.

Um dos seus milagres teve grande repercussão: - Em 1375 (*Era de 1423*) houve uma grande peste. Vasco Martins, que tinha cinco filhos, recorreu a estes *Cinco* Santos Mártires prometeu-lhes que se o livrassem da peste a ele e à família, no dia da sua festa, mandaria os seus cinco filhos, nus, como penitentes, ao Mosteiro de Santa Cruz visitar e homenagear as suas relíquias. Efectivamente, ele e a sua família não foram atingidos pela peste e a promessa foi cumprida. Aí teve início a procissão de penitência dos nus, de Coimbra, realizada no dia 16 de Janeiro, festa dos Santos Mártires de Marrocos, desde o convento de S. Francisco até à igreja do Mosteiro de Santa Cruz⁶⁷.

Frei Manuel da Esperança explica que se consideravam “nus” as pessoas que iam despidas dos joelhos para baixo e da cinta para cima, percorrendo, assim nus, em pleno rigor do Inverno, algumas ruas da cidade, recordando o modo como os mártires saíram da cadeia para o paço real, a caminho do martírio. Mais tarde, os estudantes e o povo de Coimbra ridicularizavam esta procissão, acabando o bispo por impedir a sua realização. Apesar de algumas tentativas para a reactivar, tal não foi possível⁶⁸.

Além de muitos outros, constantes dos livros de milagres, afluem a Santa Cruz muitas pessoas das redondezas com seus pedidos e agradecimentos.

4. 5. 3. – A Rainha Santa Isabel

Ainda em Coimbra, era imperiosa a visita ao túmulo da Rainha Santa Isabel, que, em 1325, já viúva, veio a primeira vez, como peregrina a Santiago de Compostela, merecendo

⁶⁵ MARTINS, Mário – *O. c.*, p. 177.

⁶⁶ *Tratado da vida e martirio dos cinco Mártires de Marrocos*, p. 73.

⁶⁷ *Tratado da vida e martirio dos cinco Mártires de Marrocos*, pp. 66 e 86-91.

⁶⁸ *Tratado da vida e martirio dos cinco Mártires de Marrocos*, pp. 86-91.

referência particular a preocupação de aqui passar despercebida, por ocasião da segunda peregrinação, em 1335.

Além das conhecidas práticas de caridade, foi notável a intervenção no sentido de pôr termo à guerra entre o marido, D. Dinis, e o filho, o príncipe herdeiro, D. Afonso IV, tendo dado, ao longo da sua vida, provas abundantes das virtudes cardiais. Mas a melhor prova da sua santidade transparece nos milagres realizados, tanto em vida como após a morte. Eis alguns feitos em vida:

- Quando se deslocava de Coimbra para o Porto, em Arrifana, curou uma menina, cega de nascença⁶⁹; sara um leproso gravemente ferido na cabeça⁷⁰; com o sinal da cruz e com um beijo, em Quinta-feira Santa, cura o cancro que uma leprosa, que tinha comparecido ao lava-pés⁷¹; em Alenquer, mudou a água em vinho⁷² e converteu o pão em rosas⁷³. Do rol de milagres feitos de pois da morte, anotem-se apenas estes: a cura de uma religiosa de Celas, com as pernas tão doentes que não podia andar⁷⁴; fazer com que uma mulher quinquagenária pudesse amamentar⁷⁵; e, finalmente, a cura de uma grave doença de um cidadão de Évora, que beijou o seu caixão⁷⁶.

São mais alguns elementos a justificar a devoção com que os fiéis a ela recorriam.

5 – Outros santos, no norte de Portugal

Continuando para norte, não podemos esquecer a Princesa Santa Joana, em Aveiro; ali perto, em Ovar, estava o corpo de bem-aventurado Donato, discípulo do Apóstolo S. Tiago⁷⁷. Na Sé do Porto venerava-se S. Pantaleão, peregrino da Terra Santa. Em Guimarães, encontrava-se a igreja do franciscano S. Gualter, do qual afirma a *Crónica dos Frades Menores (1209-1285)*: - «Foi Gualtério muito devoto e perfeito, o quall por tam clara e famosa santidade respramdeceo que largamente tragia as gentes a devoçom da hordem e por via e exemplo os reformava em bem. E, como ele passasse ali desta vida, segundo dizem, manava olio da sua sepultura, ataa que o seu corpo foy treladado, o quall dava a muytos enfermos remédio e saúde».⁷⁸

Aí, mesmo no centro da antiga vila, estava a igreja da Senhora da Oliveira, cujos milagres, abonados por autos notariais, foram reunidos em livro, publicado por Mário Martins⁷⁹. No termo da mesma vila, estava-se o templo de S. Torquato, em que, segundo dizem, se venera o seu corpo.

⁶⁹ VASCONCELOS, A. de — *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa)*. Reprodução fac-similada da edição de 1891-1894, vol. II, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1993, p. 179.

⁷⁰ VASCONCELOS, A. de — *O. c.*, p. 180.

⁷¹ VASCONCELOS, A. de — *O. c.*, p. 1821.

⁷² VASCONCELOS, A. de — *O. c.* p. 182.

⁷³ VASCONCELOS, A. de — *O. c.* p. 182.

⁷⁴ VASCONCELOS, A. de — *O. c.* p. 185.

⁷⁵ VASCONCELOS, A. de — *O. c.* p.

⁷⁶ VASCONCELOS, A. de — *O. c.* p. 187.

⁷⁷ MARTINS, Mário — *O. c.*, pp. 21-22.

⁷⁸ *Carónicas dos Miniistros Gersais da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*. Introdução, anotações, glossário e índice onomástico por José Joaquim Nunes, t.vol. I., Coimbra, 1918, p. 19, citada também por MARTINS, Mário — *O. c.*, p. 24.

⁷⁹ MARTINS, Mário — *O livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira, de Afonso Peres, Guimarães, 1953.*

De Guimarães, era relativamente fácil chegar a Santa Senhorinha de Basto⁸⁰, onde foi em romaria D. Sancho I pedir a cura do herdeiro, D. Afonso II, atingido por doença grave, que alguns consideram lepra⁸¹.

6 – Santos mártires militares

Nesta referência sumária aos santos dos caminhos portugueses, impõe-se ter presente que eram percorridos, essencialmente, por romeiros portugueses, que, junto das suas relíquias, buscavam lenitivo para as suas necessidades físicas ou espirituais.

Mencionámos alguns centros de devoção, situados em cidades e vilas de maior dimensão, e podemos ainda evocar alguns soldados, mortos em combate pela Fé. Em Lisboa, o túmulo destes *santos mártires* estava na Sé, sabendo-se que um deles era o cavaleiro Henrique, natural de uma vila chamada *Boña*.⁸²

Nesta mesma classe se incluem os sete cavaleiros de Tavira, isto é, cinco cavaleiros, mais o comendador-mor e o almocreve e mercador, que posteriormente se lhe juntaram, sendo martirizados pelos mouros.⁸³

A todos estes podemos associar também o *Infante Santo*, D. Fernando, filho de D. João I, que ficou como refém, na sequência do desastre militar de Tanger, em 1437, vindo a falecer no cativeiro de Fez, fracassadas que foram todas as tentativas de resgate. Ao entusiasmo pelo regresso das suas relíquias, seguiu-se o funeral no panteão da Batalha, perto de Leiria.

Aos santos até aqui referidos, impõe-se acrescentar o Beato D. Nuno Álvares Pereira, herói nacional de Aljubarrota, Atoleiros e Valverde, cujo *Livro de Milagres* regista elevado número de romeiros por ele beneficiados, especialmente procedentes da zona centro de Portugal: Montemor-o-Novo, Vila Nova, Óbidos, Xabregas, Ferraria, Cascais, Leiria, Sarrilhos, Santa Iria, Aldeia Galega, Fangas da Farinha, Sta. Marinha, Arruda, Ribatejo, Beja, Carnide, Santarém, Arganil, Sardoal, Vale do Paraíso, Lavradio, Oeiras, Vila Franca, Olivais, Castanheira, Campo de Ourique e Lisboa e seu termo⁸⁴.

7 – Santuários marianos

Não é possível prestar-lhes a devida atenção, mas, nem por isso, queremos omitir uma referência aos numerosos santuários marianos, dispersos pelo Reino.

⁸⁰ A vida de Santa Senhorinha de Basto encontra-se nos: *P. M. H. – Scriptores*, fac. I, pp. 46-53.

⁸¹ DIAS, OSB, Geraldo J. *Amadeu* Coelho – D. Sancho I, peregrino e devoto de Santa Senhorinha de Basto, in «Revista da Faculdade de Letras – História», II Série, Porto, vol. 13, 1996, pp. 63-70.

⁸² MARTINS, Mário – *O. c.*, pp. 22-23.

⁸³ MARTINS, Mário – *O. c.*, pp. 23-24.

⁸⁴ MARTINS, Mário – *O. c.*, pp. 25-25.

Bem sabemos que o culto mariano ocupa um lugar especial na devoção dos portugueses, mas inventariar o rol dos santuários marianos ajuda a ter uma compreensão mais exacta desta realidade.

Mencionámos a Senhora da Oliveira de Guimarães e o livro dos seus milagres, mas poderíamos apresentar muitas outras invocações e os respectivos santuários marianos: Nossa Senhora do Cabo, Santa Maria de Cárquere – tradicionalmente ligada à cura do nosso primeiro Rei, D. Afonso Henriques –, Nossa Senhora da Luz, em Pedrógão Grande, Senhora de Guadalupe, em Santarém, Nossa Senhora de Nazaré, Santa Maria do Espinheiro, etc., etc., mas ... esse já seria outro programa.

8 – Conclusão

Chegados a este ponto, conscientes de nos termos conservado dentro do tema que nos foi proposto, julgamos oportunos acrescentar que, à semelhança da citada recomendação do título VIII do Livro V do *Codex Calixtino*, também nos segmentos dos caminhos portugueses de Santiago de Compostela, não faltam santos e santuários dignos e merecedores de serem recomendados aos peregrinos.

As manifestações de santidade que os titulares de alguns desses santuários ou de simples altares a eles dedicados, que fomos encontrando, e que atraíam muitos romeiros portugueses não terão deixado de impressionar também os peregrinos de Santiago que atravessavam Portugal num ou noutro sentidos, mas, sobre o assunto falta uma investigação sistemática.

Observámos que os centros indicados se encontram, essencialmente, a norte do Tejo, linha de demarcação do Portugal cristão, desde 1147 e durante muito tempo. Foi precisamente nesta área que surgiram ao longo da Idade Média os santos e os centros devocionais mais significativos de que nos ocupámos.

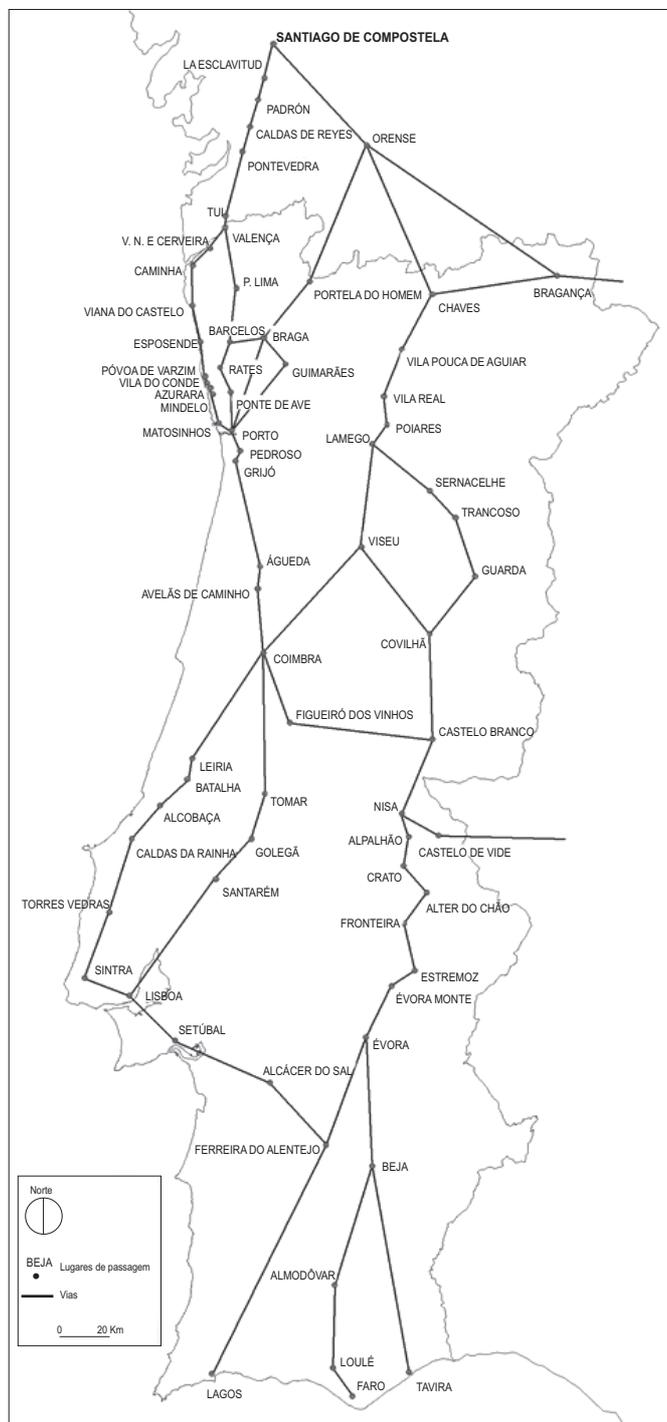
Na diversidade dos milagres constantes dos livros que analisámos, é evidente a presença de casos de curas de possessões diabólicas, de acalmia de tempestades marítimas e salvamento de perigos de naufrágio, salvamento de torrentes fluviais, curas de doenças do foro neurológico - incluindo casos de loucura -, de cegueira, surdez, paralisias, cancros, feridas crónicas, tumores cerebrais, ruptura da coluna, etc.

Os Santos correspondiam à fé dos seus devotos, que, por sua vez, proclamavam a virtude e os seus poderes, numa impressionante reciprocidade, igualmente patente nos milagres de S. Tiago, de que o *Codex Calixtinus* é fiel depositário, e que o dominicano Frei Paio de Coimbra, no segundo quartel do século XIII, conhecia perfeitamente.

O escasso tempo regulamentar concedido não permitiu apresentar, convenientemente, os santos dos caminhos portugueses, e, pior ainda, impediu que procedêssemos ao tratamento crítico

deste conjunto de referências e enunciássemos outros aspectos relativos à sua importância sob o ponto de vista da história das mentalidades e da sociologia religiosa.

Fica, pelo menos, a notícia de que, ao lado dos caminhos portugueses, que também conduziam a Santiago de Compostela, havia diversos santuários, bem como corpos e relíquias de santos, que – evocando o título deste Congresso Internacional – os peregrinos podiam e deviam visitar – *visitanda sunt...*



Fonte: MORENO, H. Baquero - Vias portuguesas de peregrinação...
in "Rev. Fac. Letras Históricas", II Série, Vol. III, Porto, 1986, p. 89